



A Arte como Linguagem na Educação Infantil

Art as Language in Early Childhood Education

Patrícia dos Santos Consoni

Resumo: Este estudo discute a arte como linguagem na educação infantil, considerando sua relevância para o desenvolvimento integral da criança. A partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, foram analisados autores clássicos como Vygotsky, Piaget, Dewey e Barbosa, além de estudos recentes publicados entre 2020 e 2025. Os resultados demonstram que a arte não deve ser reduzida a uma atividade secundária ou ilustrativa, mas reconhecida como prática pedagógica essencial que estimula a imaginação, a sensibilidade, a criticidade e a autonomia. Evidenciou-se também que, embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) valorize a arte como campo de experiência fundamental, ainda existem lacunas na implementação de propostas efetivas nas escolas, muitas vezes limitadas a atividades padronizadas. Conclui-se que a arte é direito das crianças e deve ser integrada ao cotidiano escolar como linguagem viva, plural e transformadora, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e sensíveis.

Palavras-chave: educação infantil; arte; linguagem; BNCC; desenvolvimento integral.

Abstract: This study discusses art as a language in early childhood education, highlighting its relevance for children's integral development. Based on bibliographic and documentary research, classical authors such as Vygotsky, Piaget, Dewey, and Barbosa were analyzed, as well as recent studies published between 2020 and 2025. The results show that art should not be reduced to a secondary or illustrative activity, but recognized as an essential pedagogical practice that stimulates imagination, sensitivity, critical thinking, and autonomy. It was also found that, although the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC) values art as a fundamental field of experience, there are still gaps in the implementation of effective practices in schools, often limited to standardized activities. The study concludes that art is a right of children and must be integrated into school routines as a living, plural, and transformative language, contributing to the formation of critical and sensitive citizens.

Keywords: early childhood education; art; language; BNCC; integral development.

INTRODUÇÃO

A educação infantil, por ser a primeira etapa da educação básica, constitui um espaço privilegiado para o desenvolvimento integral da criança. Nesse contexto, a arte surge não apenas como recurso didático, mas como linguagem essencial de expressão, comunicação e construção de sentidos.

Diferente de outras áreas do conhecimento, a arte possibilita que a criança manifeste suas emoções, ideias e percepções sobre o mundo de maneira espontânea, criativa e significativa. Mais do que ensinar técnicas ou promover atividades estéticas, trata-se de reconhecer a arte como linguagem própria da infância, com potencial para favorecer tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o socioemocional.

Segundo Vygotsky (2009), a linguagem artística constitui-se como forma de mediação simbólica, permitindo que a criança interprete a realidade e produza novas formas de compreensão. Nesse sentido, ao desenhar, pintar, cantar ou dramatizar, ela não apenas reproduz o que vê, mas também recria experiências, ressignifica emoções e elabora aprendizagens. Essa dimensão criativa da arte, além de colaborar para o desenvolvimento da imaginação, reforça a autonomia e a autoconfiança dos pequenos.

Na perspectiva pedagógica, pensar a arte como linguagem implica compreender que seu valor não se limita ao entretenimento ou à ocupação do tempo escolar, mas que ela é parte fundamental do processo de formação humana. Como destaca Barbosa (2015), a educação em arte possibilita que a criança desenvolva a percepção, a sensibilidade e a capacidade crítica, aspectos indispensáveis para a construção de uma cidadania plena. Assim, ao ser inserida de forma intencional no cotidiano escolar, a arte se torna instrumento para favorecer aprendizagens complexas e integradas.

Outro ponto a ser destacado é que a arte contribui de maneira decisiva para o desenvolvimento das múltiplas linguagens infantis. Conforme aponta Ostetto (2017), a infância é marcada por formas plurais de comunicação, em que gesto, movimento, som e imagem coexistem de maneira dinâmica. Nesse sentido, o contato com diferentes manifestações artísticas, como música, teatro, literatura, dança e artes visuais, ampliam a capacidade expressiva e comunicativa das crianças, estimulando tanto a criatividade quanto a socialização.

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia a educação básica no Brasil, reconhece a arte como uma das áreas do conhecimento fundamentais para o desenvolvimento infantil. O texto da BNCC (Brasil, 2018) ressalta que as experiências artísticas são indispensáveis para o exercício da sensibilidade, da imaginação e da inventividade, destacando que o trabalho pedagógico com a arte deve contemplar múltiplas linguagens, respeitando os interesses e o protagonismo das crianças.

Diante disso, este estudo tem como objetivo discutir a arte como linguagem na educação infantil, analisando sua importância para o desenvolvimento integral da criança, suas contribuições no processo educativo e os desafios enfrentados na prática pedagógica. Para tanto, serão abordados aportes teóricos de diferentes autores da área, além de reflexões sobre metodologias e experiências que evidenciam a relevância da arte nesse contexto. Busca-se, assim, contribuir para a compreensão da arte não apenas como disciplina escolar, mas como linguagem vital para a formação das crianças, reconhecendo seu papel transformador no cotidiano educacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Arte como Linguagem na Infância

A infância é um período em que a criança descobre o mundo e a si mesma por meio de diferentes formas de comunicação. Antes mesmo de dominar a linguagem verbal, ela já expressa sentimentos, pensamentos e desejos por meio do corpo, dos gestos, do olhar, do brincar e da produção artística. Nesse sentido, a arte não deve ser vista apenas como atividade complementar, mas como linguagem estruturante do desenvolvimento infantil, capaz de traduzir aspectos internos e externos da experiência da criança.

Segundo Vygotsky (2009), a arte é uma forma de atividade simbólica que possibilita à criança organizar e transformar suas percepções da realidade, ampliando suas formas de pensar e de se relacionar com o mundo. Ao desenhar, cantar ou dramatizar, a criança não apenas reproduz aquilo que observa, mas recria situações, reelabora emoções e produz significados. Isso mostra que a arte funciona como uma verdadeira linguagem, tão importante quanto a oralidade ou a escrita.

Pesquisas mais recentes reforçam essa visão. Ostetto (2024) destaca que a arte na infância deve ser entendida como parte das múltiplas linguagens infantis, que se manifestam de maneira integrada: gesto, movimento, som, traço e palavra coexistem e se complementam. Para a autora, permitir que a criança tenha contato com diferentes linguagens artísticas como pintura, teatro, música e dança é favorecer o desenvolvimento de sua identidade e de sua capacidade comunicativa.

Outro ponto relevante é que a arte dá à criança a oportunidade de narrar sua própria história. Conforme defende Martins (2012), ao ter liberdade de criar, a criança expressa subjetividades, comunica suas percepções e constrói vínculos com o coletivo. Assim, o espaço escolar precisa reconhecer a arte não apenas como atividade ilustrativa, mas como instrumento que amplia as possibilidades de expressão e comunicação, respeitando as singularidades de cada sujeito.

Compreender a arte como linguagem na infância significa reconhecê-la como ferramenta essencial de desenvolvimento humano. Ela não é mero recurso didático, mas parte constitutiva da formação da criança, permitindo que ela se expresse de maneira integral e crie pontes entre o mundo interno e a realidade que a cerca.

Perspectivas Históricas e Teóricas

A compreensão da arte como linguagem na educação infantil é resultado de um longo processo histórico e teórico. Desde pensadores clássicos até as abordagens pedagógicas contemporâneas, a arte vem sendo reconhecida como parte indispensável da formação humana, não apenas como manifestação estética, mas como dimensão constitutiva do desenvolvimento.

Jean Piaget (1971), em seus estudos sobre o desenvolvimento infantil, destacou a importância do jogo simbólico como uma das formas privilegiadas pelas quais a criança representa o mundo. Ao brincar, desenhar ou dramatizar, ela imita

situações do cotidiano, mas também cria novas possibilidades de interpretação. Para o autor, essas atividades simbólicas estão diretamente ligadas ao processo de construção da autonomia, da imaginação e do pensamento criativo.

Outro teórico de grande relevância é John Dewey (2010), que defendia a arte como experiência vital. Para ele, a prática artística não deveria ser entendida como algo separado da vida, mas como atividade que possibilita integrar emoções, percepções e conhecimentos. A arte, nesse sentido, não é apenas contemplação estética, mas experiência que forma e transforma sujeitos, estimulando o pensamento crítico e a sensibilidade social.

No contexto brasileiro, Barbosa (2015) chama atenção para a necessidade de superar a visão reducionista que limita a arte a meras atividades manuais ou decorativas. Para a autora, a arte deve ser compreendida como linguagem cultural que dialoga com a sociedade, sendo capaz de ampliar a percepção, a criticidade e a sensibilidade das crianças. Essa perspectiva defende que o ensino da arte, especialmente na educação infantil, precisa ser planejado de forma intencional, valorizando a produção criativa das crianças como parte integrante do currículo escolar.

Além dos clássicos, autores contemporâneos também ampliam esse debate. Ostetto (2017) afirma que a infância é atravessada por múltiplas linguagens e que a arte deve estar presente como possibilidade de construção de narrativas próprias. Já Martins (2012) defende que as experiências artísticas estimulam não apenas o sensível, mas também a capacidade de resolução de problemas e de convivência coletiva, atributos essenciais em uma sociedade plural.

Essas perspectivas históricas e teóricas demonstram que a arte não pode ser tratada como atividade secundária, mas como eixo central do desenvolvimento infantil. Ao longo da história, diferentes teóricos contribuíram para consolidar a ideia de que a arte é linguagem formadora, capaz de potencializar tanto as dimensões individuais quanto as coletivas da aprendizagem. Reconhecer essa trajetória é fundamental para compreender o lugar da arte na educação infantil atual e para sustentar práticas pedagógicas coerentes com as demandas do século XXI.

Arte e Desenvolvimento Integral da Criança

A educação infantil é a etapa em que se consolidam as bases do desenvolvimento cognitivo, social, emocional e motor das crianças. Nesse processo, a arte ocupa papel de destaque, pois possibilita que a criança vivencie experiências que mobilizam o corpo, a mente e a afetividade, promovendo um aprendizado integral. Diferente de atividades fragmentadas, a arte integra emoção e razão, expressão e conhecimento, estimulando múltiplas dimensões do desenvolvimento humano.

De acordo com Martins (2012), o contato com diferentes linguagens artísticas permite que as crianças desenvolvam a sensibilidade estética, a percepção crítica e a capacidade de resolver problemas de forma criativa. O autor ressalta que a prática da arte amplia o repertório cultural da criança, favorecendo também sua inserção social e sua valorização da diversidade cultural.

Do ponto de vista cognitivo, a produção artística favorece a construção de conceitos, a exploração de hipóteses e a elaboração de significados. Vygotsky (2009) afirma que a arte, ao funcionar como mediadora simbólica, ajuda a criança a reorganizar sua percepção da realidade, ampliando sua capacidade de pensar de maneira abstrata e criativa. Assim, o desenho, a música, a dança ou o teatro são formas pelas quais a criança aprende a compreender e expressar o mundo de maneira singular.

No campo socioemocional, a arte atua como espaço de expressão de sentimentos e emoções que muitas vezes não encontram lugar na linguagem verbal. Conforme destaca Ostetto (2017), ao criar, a criança elabora medos, desejos e vivências, dando forma às suas subjetividades e encontrando caminhos de autoconhecimento. Esse processo contribui para a autoestima, a autonomia e a autoconfiança, aspectos fundamentais para a formação integral.

Pesquisas atuais também evidenciam esses benefícios. O estudo Artes Visuais na Educação Infantil e nos Anos Iniciais (2025), realizado em Maracanaú/CE, mostrou que oficinas de artes visuais, envolvendo pintura, colagem e criação coletiva de livros infantis, resultaram em avanços na socialização, na valorização da identidade e no fortalecimento da autoestima das crianças, especialmente em contextos pós-pandêmicos. Esses dados reforçam que a arte não apenas entretém, mas contribui de forma efetiva para o desenvolvimento global.

Outro exemplo é a pesquisa de Lima (2023), que analisou práticas artísticas em escolas da cidade de Guanambi-BA. O estudo concluiu que, quando as artes visuais são aplicadas de forma significativa, elas estimulam a imaginação, a cooperação e a capacidade crítica das crianças, favorecendo aprendizagens que extrapolam os conteúdos escolares e alcançam dimensões pessoais e sociais.

Pode-se afirmar que a arte, quando incorporada de forma planejada e intencional no currículo da educação infantil, colabora para o desenvolvimento integral da criança, articulando aspectos cognitivos, motores, emocionais e sociais. Mais do que ensinar técnicas, trata-se de criar oportunidades para que as crianças experimentem, expressem e construam sentidos, desenvolvendo-se de forma plena.

A Arte na BNCC e nas Políticas Educacionais

No contexto educacional brasileiro, a valorização da arte na educação infantil encontra respaldo nos documentos oficiais que orientam a prática pedagógica. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017 e implementada a partir de 2018, estabelece a arte como um dos campos de experiência fundamentais para a formação integral das crianças, reconhecendo sua importância no desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação, da criatividade e da capacidade crítica (Brasil, 2018).

A BNCC organiza a educação infantil em cinco campos de experiência, sendo a arte contemplada em especial no campo “Traços, sons, cores e formas”. Nesse campo, o documento destaca a necessidade de garantir às crianças contato direto com diferentes linguagens artísticas, artes visuais, música, teatro e dança, de forma

a ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação. Esse direcionamento reforça a ideia de que a arte deve estar presente de forma intencional e planejada, e não apenas como atividade secundária ou comemorativa.

Além da BNCC, outras políticas educacionais e documentos complementares também apontam para a relevância da arte no processo de ensino e aprendizagem. O Plano Nacional de Educação (PNE), em vigor desde 2014, prevê a valorização das práticas pedagógicas que assegurem o desenvolvimento integral da criança, contemplando dimensões cognitivas, sociais e culturais (Brasil, 2014). A arte, nesse contexto, é entendida como componente essencial para a promoção de uma educação inclusiva e democrática.

Contudo, pesquisas recentes mostram que ainda existem desafios na efetivação dessas políticas. O estudo de Lima (2023), ao analisar as práticas de artes visuais em escolas públicas de Guanambi-BA, apontou que, embora os documentos oficiais defendam a integração da arte no currículo, muitas instituições ainda reduzem a prática artística a atividades padronizadas, como colagens prontas e desenhos para datas comemorativas. Essa distância entre teoria e prática demonstra a necessidade de formação continuada de professores e de maior investimento em infraestrutura e materiais pedagógicos.

Outro exemplo relevante é o trabalho de Ostetto (2024), que dialoga com educadoras sobre suas concepções de arte. A pesquisa revelou que, embora as profissionais reconheçam a importância da arte para a infância, ainda há dificuldades em superar práticas tradicionais e em incorporar metodologias que privilegiem a expressão livre e criativa. Isso evidencia a necessidade de uma maior aproximação entre os referenciais curriculares e as práticas efetivamente realizadas em sala de aula.

Embora a BNCC e outras políticas públicas reconheçam a centralidade da arte na educação infantil, é fundamental que haja condições concretas para sua implementação. Isso inclui formação adequada dos professores, acesso a materiais diversificados e incentivo à construção de projetos pedagógicos que valorizem a criatividade e a expressão artística das crianças. Sem esses elementos, a arte corre o risco de permanecer apenas como uma recomendação teórica, sem alcançar seu potencial transformador no cotidiano escolar.

Arte, Cotidiano e Contemporaneidade

A presença da arte na educação infantil não pode ser restrita a práticas tradicionais ou a atividades descontextualizadas. Para além das técnicas, é necessário compreender que a arte também se manifesta no cotidiano escolar e dialoga com as experiências culturais contemporâneas. A infância é atravessada por múltiplas linguagens visuais e sonoras, seja no contato com a música, com a mídia digital, com as cores e formas dos espaços urbanos ou com as produções artísticas da comunidade. Reconhecer essa diversidade e incorporá-la ao processo educativo significa ampliar as possibilidades de expressão e aprendizagem.

De acordo com Ostetto (2017), a infância é um campo de múltiplas linguagens, e a arte, ao integrar gesto, som, movimento e imagem, torna-se um espaço privilegiado para narrativas infantis. Isso significa que, ao propor experiências artísticas ligadas ao cotidiano, o professor abre espaço para que as crianças expressem suas percepções do mundo de forma livre e criativa. Martins (2012) complementa que a arte vivida no dia a dia possibilita a integração entre o sensível e o racional, ajudando as crianças a construírem vínculos sociais e a valorizarem a diversidade cultural.

Estudos recentes confirmam a importância dessa perspectiva. A pesquisa *Estética do Cotidiano* (2025) investigou como práticas estéticas podem ser incorporadas às rotinas escolares, mostrando que elementos simples, como a organização do espaço, o uso de cores, objetos culturais e sons, podem transformar o ambiente educativo em espaço mais criativo e sensível (Interference Journal, 2025). Esse estudo defende que a arte não deve estar apenas em projetos específicos, mas inserida em cada momento da vida escolar, favorecendo a liberdade de expressão e a construção de identidades.

Outra iniciativa relevante é o projeto *Em-Baralhar-Te* (2023), que buscou aproximar a arte contemporânea da educação infantil, trazendo obras de artistas atuais e desenvolvendo recursos didáticos inovadores (Periódicos UFES, 2023). Os resultados mostraram que a introdução de referências contemporâneas amplia o repertório visual das crianças, estimula a curiosidade e contribui para superar concepções restritas de arte ligadas apenas à reprodução ou à decoração.

Além disso, pesquisas de Ostetto (2024) apontam que o diálogo com as artes contemporâneas possibilita que educadores e crianças compreendam a arte como linguagem viva, em constante transformação, que acompanha as mudanças da sociedade. Essa abordagem amplia as experiências sensíveis e coloca a criança em contato com um universo cultural diverso, fortalecendo seu protagonismo e sua capacidade crítica desde a educação infantil.

Pensar a arte no cotidiano e em diálogo com a contemporaneidade significa resgatar a dimensão viva da expressão artística, entendendo-a como parte integrante da cultura e da experiência humana. Para a educação infantil, isso implica superar práticas limitadas a datas comemorativas e investir em propostas pedagógicas que aproximem as crianças das múltiplas formas de arte que circulam na sociedade atual, tornando a escola espaço de criação, expressão e transformação.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, fundamentada em obras clássicas e em pesquisas recentes sobre a arte como linguagem na educação infantil. A metodologia adotada buscou reunir e analisar diferentes perspectivas teóricas, sem a realização de coleta de dados de campo, tendo como foco a reflexão crítica sobre o tema.

O levantamento bibliográfico foi realizado em bases de dados como SciELO, Google Scholar e periódicos da CAPES, priorizando publicações entre 2020 e 2025, de modo a garantir a atualidade da discussão. Também foram consultados autores reconhecidos na área da educação e da arte, como Vygotsky (2009), Piaget (1971), Dewey (2010) e Barbosa (2015), que oferecem fundamentos clássicos para a compreensão da arte na infância.

Entre as produções recentes, destacam-se estudos de Ostetto (2024), que analisa concepções de educadoras sobre a presença da arte na prática pedagógica, e de Lima (2023), que investigou práticas artísticas em escolas públicas de Guanambi-BA. Além disso, foi considerada a experiência do projeto Artes Visuais na Educação Infantil e nos Anos Iniciais (2025), desenvolvido em Maracanaú/CE, que evidenciou a importância das oficinas artísticas para a socialização e a autoestima das crianças.

A análise foi conduzida por meio de leitura crítica e interpretativa das obras e artigos selecionados, destacando convergências e divergências entre os autores e relacionando-as com os objetivos da pesquisa. Dessa forma, a metodologia buscou não apenas sistematizar informações, mas construir um panorama atualizado e consistente sobre o papel da arte como linguagem no processo de desenvolvimento infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa bibliográfica evidenciam que a arte ocupa papel central no desenvolvimento integral da criança, especialmente na educação infantil, onde a aprendizagem é marcada pela ludicidade e pelas múltiplas linguagens. As produções analisadas apontam que a arte, quando trabalhada como linguagem, possibilita à criança expressar emoções, desenvolver autonomia, ampliar sua imaginação e fortalecer vínculos sociais. Nesse sentido, a presença da arte na escola não deve ser encarada como atividade secundária, mas como eixo estruturante da prática pedagógica.

Um primeiro ponto que se destaca é a convergência entre os autores clássicos e as pesquisas recentes. Vygotsky (2009) e Piaget (1971) já defendiam a relevância da imaginação, do jogo simbólico e da atividade criativa para o desenvolvimento infantil. Estudos contemporâneos, como o de Ostetto (2024), reforçam essa visão ao mostrar que educadoras compreendem a arte como linguagem expressiva e formadora, mas ainda encontram dificuldades para implementá-la de maneira efetiva no cotidiano escolar. Essa continuidade histórica demonstra que, embora a teoria reconheça o valor da arte, sua prática ainda enfrenta obstáculos.

Outro resultado relevante foi identificado em pesquisas aplicadas, como o projeto Artes Visuais na Educação Infantil e nos Anos Iniciais (2025), realizado em Maracanaú/CE. Essa experiência mostrou que oficinas artísticas contribuíram significativamente para a socialização das crianças, para a valorização de suas identidades e para o fortalecimento da autoestima em um contexto pós-pandêmico.

Tais dados confirmam que a arte tem potencial de promover não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também a saúde emocional e as relações sociais.

Além disso, a análise de Lima (2023), em escolas públicas de Guanambi-BA, apontou que, apesar das orientações da BNCC (Brasil, 2018), muitas práticas ainda se restringem a atividades padronizadas e descontextualizadas, como colagens repetitivas ou desenhos prontos para colorir. Esse resultado mostra um descompasso entre as políticas educacionais e a prática cotidiana, evidenciando a necessidade de formação continuada de professores e de maior investimento em propostas pedagógicas criativas e significativas.

Outro aspecto observado é a relevância de inserir a arte em diálogo com a contemporaneidade. Pesquisas como a de Estética do Cotidiano (2025) e o projeto Em-Baralhar-Te (2023) defendem que a aproximação da arte contemporânea e das práticas estéticas do dia a dia favorece a ampliação do repertório cultural e sensível das crianças. Esses estudos mostram que, quando a arte é vivenciada como experiência cotidiana, ela contribui para a construção da criticidade e do protagonismo infantil.

Os resultados confirmam que a arte é um recurso indispensável na educação infantil, mas também revelam desafios. Embora os documentos oficiais e as teorias pedagógicas valorizem sua presença, a realidade escolar ainda carece de práticas que integrem a arte como linguagem viva, significativa e transformadora. A discussão aponta que superar essas barreiras depende de políticas públicas mais efetivas, formação docente contínua e valorização da criatividade como parte essencial da educação das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste estudo permitiu compreender que a arte, quando reconhecida como linguagem na educação infantil, transcende o caráter de atividade complementar e se estabelece como elemento essencial para o desenvolvimento integral da criança. Tanto os aportes teóricos clássicos quanto as pesquisas recentes apontam que a arte possibilita a construção de sentidos, a expressão de emoções e a ampliação da criatividade, configurando-se como recurso indispensável para a formação humana desde os primeiros anos de vida.

Os resultados mostraram que a arte favorece múltiplas dimensões do desenvolvimento: do ponto de vista cognitivo, estimula a elaboração de conceitos e a abstração; no campo socioemocional, fortalece a autoestima, a autonomia e a capacidade de lidar com sentimentos; e, no aspecto social, promove a interação, a cooperação e o respeito à diversidade. Essa multiplicidade de benefícios confirma que a arte é parte constitutiva da infância e deve ser trabalhada de forma intencional na escola.

Contudo, também foi possível identificar que ainda existem desafios significativos para a efetivação da arte como linguagem na prática pedagógica. Apesar de documentos oficiais, como a BNCC, reconhecerem sua importância,

muitas instituições de ensino ainda reduzem a arte a atividades padronizadas ou a projetos comemorativos. Isso revela um descompasso entre teoria e prática, que pode comprometer o potencial transformador da arte no cotidiano escolar.

Superar essas barreiras exige políticas públicas mais consistentes, investimentos em infraestrutura e, sobretudo, formação continuada dos professores, de modo que estes se sintam preparados para explorar a arte em suas múltiplas linguagens, música, artes visuais, dança, teatro, literatura, como experiências significativas de aprendizagem. Além disso, é necessário ampliar o diálogo com a contemporaneidade, trazendo referências culturais atuais que aproximem as crianças de diferentes manifestações artísticas, valorizando tanto as produções locais quanto as de alcance global.

Conclui-se, portanto, que a arte deve ser compreendida como direito da criança e como parte integrante de uma educação democrática, inclusiva e humanizadora. Reconhecer a arte como linguagem é reconhecer a criança como sujeito de expressão, criação e transformação. Assim, ao garantir espaços para o desenvolvimento artístico na educação infantil, a escola contribui não apenas para o aprendizado imediato, mas também para a formação de cidadãos críticos, sensíveis e capazes de interagir de maneira criativa com o mundo em que vivem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 set. 2025.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERREIRA, Adriana. **Arte e educação: perspectivas contemporâneas na infância**. Revista Brasileira de Educação, v. 25, n. 2, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbedu/>. Acesso em: 01 set. 2025.

INTERFERENCE JOURNAL. **Estética do cotidiano: sensibilidade como percurso...** Interference Journal, v. 1, n. 2, 2025. Disponível em: <https://interferencejournal.emnuvens.com.br/revista/article/view/58>. Acesso em: 03 set. 2025.

LIMA, Jéssica. **Entre conversas e visualidades: as práticas em Artes Visuais na Educação Infantil em instituições públicas da cidade de Guanambi-BA**. Dialnet, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/10209412.pdf>. Acesso em: 04 set. 2025.

MARTINS, Mirian Celeste. **Arte na educação infantil: saberes e fazeres da criança**. Campinas: Papirus, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Infância e arte: múltiplas linguagens no cotidiano escolar**. Campinas: Autores Associados, 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Arte na educação infantil: proposições, concepções e percursos**. Campinas: Autores Associados, 2024.

PERIÓDICOS UFES. **Arte contemporânea na educação infantil: a criação do recurso didático EM-BARALHAR-TE**. Revista Pro-Discente, v. 29, n. 2, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/prodiscente/article/view/42984>. Acesso em: 01 set. 2025.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1971.

RESEARCHGATE. **Artes visuais na educação infantil e nos anos iniciais: repintando o espaço escolar com as crianças da comunidade do Novo Oriente, em Maracanaú/CE**. Anais de Pesquisa em Educação, 2025. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/389999259>. Acesso em: 03 set. 2025.

VYGOTSKY, Lev. **A imaginação e a arte na infância**. São Paulo: Ática, 2009.